

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-934-9
 DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i> | |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020011 | |
| CAPÍTULO 2 | 9 |
| AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO | |
| Daniel de Oliveira Perdigão | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020012 | |
| CAPÍTULO 3 | 14 |
| AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO | |
| Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020013 | |
| CAPÍTULO 4 | 26 |
| CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE | |
| Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020014 | |
| CAPÍTULO 5 | 39 |
| CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA | |
| Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020015 | |

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 11 | 91 |
| CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO | |
| Natália Cardoso dos Santos Nardel Luiz Soares da Silva Jessyca Vechiato Galassi Lucas Casarotto Leonardo Backes Mosconi Nathália Cotorelli Aline Rafaela Hasper Daliana Hisako Uemura-Lima Paula Caroline Bejola Maria Antonia Urnau Daniela da Rocha Herrmann Lucas Natan Scheuermann | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200111 | |
| CAPÍTULO 12 | 97 |
| DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL | |
| Marilene Santana dos Santos Garcia Jaqueline Becker Willian Rufato da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200112 | |
| CAPÍTULO 13 | 104 |
| DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE | |
| Everton Nery Carneiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020013 | |
| CAPÍTULO 14 | 115 |
| EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS | |
| Nelson Batista Leitão Neto | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020014 | |
| CAPÍTULO 15 | 128 |
| EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES | |
| Amilton Gonçalves dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020015 | |
| CAPÍTULO 16 | 140 |
| EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS | |
| Kenia dos Santos Francelino Katscilaine dos Santos Francelino | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200116 | |
| CAPÍTULO 17 | 146 |
| EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA | |
| Kenia dos Santos Francelino | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200117 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 18 | 152 |
| EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE | |
| Xenusa Pereira Nunes | |
| Gáudia Maria Costa Leite Pereira | |
| Francisco Assis Filho | |
| Xirley Pereira Nunes | |
| Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200118 | |
| CAPÍTULO 19 | 160 |
| EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR | |
| Marivalda Evangelista dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200119 | |
| CAPÍTULO 20 | 172 |
| ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA | |
| Susete Wambier Christo | |
| Augusto Luiz Ferreira Júnior | |
| Ana Flávia Monteiro | |
| Marilise Silva Meister | |
| Denilton Vidolin | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200120 | |
| CAPÍTULO 21 | 179 |
| ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE | |
| Carmem Cesarina Braga de Oliveira | |
| Francisco Cildomar da Silva Correia | |
| Rui Carlos Peruquetti | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200121 | |
| CAPÍTULO 22 | 184 |
| ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE | |
| Thalia Costa Medeiros | |
| Najra Danny Pereira Lima | |
| Mayanny da Silva Lima | |
| Thais Costa Medeiros | |
| Maria Helena Rodrigues Bezerra | |
| Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha | |
| Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva | |
| Ava Fabian dos Anjos Lima | |
| Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser | |
| Alice Figueiredo de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200122 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 23 | 197 |
| EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES | |
| <p>Andreia Belter Fernando Feiten Pinto Ivana Letícia Damião Júlia Gabriela Petrazzini da Silva Elizangela Weber Julhane Alice Thomas Schulz Mariele Josiane Fuchs</p> | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200123 | |
| CAPÍTULO 24 | 206 |
| FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA | |
| <p>José Luís Félix</p> | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200124 | |
| CAPÍTULO 25 | 216 |
| FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS | |
| <p>Jenijunio dos Santos José Guilherme Aguiar Assis Rafael de Carvalho da Costa</p> | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200125 | |
| CAPÍTULO 26 | 223 |
| FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO | |
| <p>Sabrina Stein Charles Moreto</p> | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200126 | |
| CAPÍTULO 27 | 230 |
| FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL | |
| <p>Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento Ana Leide Rodrigues de Sena Góis Jocyléa Santana dos Santos</p> | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200127 | |
| CAPÍTULO 28 | 240 |
| FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT | |
| <p>Ana Karla Pereira Viegas Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão Daniely Takekawa Fernandes Daiany Takekawa Fernandes Josimeire Teixeira Carrara Juliana Carol Braga Aponte Karla Silva da Paixão Rosane Andrade Vasconcelos</p> | |

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO - TOCANTINS

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE

Data de aceite: 03/01/2020

Thalia Costa Medeiros

Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão. Caxias-Ma, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3037969277950508>

Najra Danny Pereira Lima

Mestre em Análise do Comportamento Aplicado Professora do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão. Caxias-Ma, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5202303122237042>

Mayanny da Silva Lima

Enfermeira Especialista em Saúde Pública, Coordenadora do Programa de Imunização da Prefeitura de Senador Alexandre Costa. Caxias-MA, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3045373768791041>

Thais Costa Medeiros

Graduanda do curso de geografia pela Universidade Estadual do Maranhão-CESCUEMA. Caxias-Ma, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/2272584685312355>

Maria Helena Rodrigues Bezerra

Graduada em Pedagogia pela UEMA. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade San Lourenzo. Especialista em Psicopedagogia.

<http://lattes.cnpq.br/3659513383931560>

Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha

Enfermeira. Mesc em Enfermagem e Dr. Em Saúde Pública. Professora do Centro Universitário

de Ciências e Tecnologia do Maranhão. Caxias-Ma, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5461511268392674>

Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva

Enfermeiro, Especialista em Docência do Ensino Superior e em Gestão em Saúde.

<http://lattes.cnpq.br/4439635233177760>

Ava Fabian dos Anjos Lima

Enfermeira. Graduada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (FACEMA).

Pós-graduanda em Terapia Intensiva pela Faculdade de Tecnologia e Educação Superior Profissional.

<http://lattes.cnpq.br/1150853509259056>

Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser

Pedagoga pela Universidade Bandeirante de São Paulo. São Paulo-SP, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/2586999464945752>

Alice Figueiredo de Oliveira

Enfermeira Graduada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão. Caxias-Ma, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/4032119155051946>

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do desenvolvimento que se manifesta de forma persistente, com prejuízos no comprometimento social, comunicativo e presença de comportamentos estereotipados, com interesse a atividades restritas. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar o conhecimento que os professores de AEE detém

sobre TEA e as características que interferem ou favorecem a aprendizagem desses alunos. Trata-se de um estudo de campo de natureza aplicada, exploratória, avaliativa de abordagem qualitativa. Foram convidados a participar 25 professores que trabalham na rede de ensino com crianças com TEA de um município do interior do Maranhão, logo, foi explicado sobre o direitos e sigilo profissional de cada participante. Encontramos profissionais que apresentaram dificuldades em responder ao questionário e que limitaram suas respostas acerca do tema. Ainda, percebe-se que alguns detinham pouco conhecimento sobre o assunto e que encontram dificuldades em trabalhar com crianças autistas. Portanto, com este estudo é possível identificar as dificuldades que os profissionais encontram que interferem no processo de aprendizado da criança com TEA impedindo que o menor tenha um ensino de qualidade e desenvolva sua autonomia, bem como a necessidade de que cada docente têm de se qualificar para atender essa demanda em sala de aula proporcionando maior rendimento ao ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva; Professores.

LEARNING SPECIFICITIES OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: KNOWLEDGE OF ESA TEACHERS

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder is a developmental disorder that manifests itself in a persistent way, with losses in social commitment, communicative and presence of stereotyped behaviors, with interest in restricted activities. In this sense, the objective of this study was to analyze the knowledge that teachers of AEE holds on TEA and the characteristics that interfere or favor the learning of these students. This is a field study of an applied, exploratory, evaluative qualitative approach. Twenty-five teachers working in the teaching network with children with ASD from a municipality in the interior of Maranhão were invited to participate, so it was explained about the rights and professional secrecy of each participant. We found professionals who presented difficulties in responding to the questionnaire and who limited their answers about the topic. Still, it is noticed that some had little knowledge on the subject and that they find difficulties in working with autistic children. Therefore, with this study, it is possible to identify the difficulties that the professionals encounter that interfere in the learning process of the child with ASD, preventing the child from having a quality education and developing their autonomy, as well as the need for each teacher to qualify to meet this demand in the classroom, providing higher education income.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder; Inclusive education; Teachers.

ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAJE DE ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: CONOCIMIENTO DE PROFESORES DE AEE

RESUMEN: El trastorno del espectro autista es un trastorno del desarrollo que se manifiesta de forma persistente, con perjuicios en el compromiso social, comunicativo y presencia de comportamientos estereotipados, con interés en actividades restringidas. En este sentido, el objetivo de este estudio fue analizar el conocimiento

que los profesores de AEE detienen sobre TEA y las características que interfieren o favorecen el aprendizaje de estos alumnos. Se trata de un estudio de campo de naturaleza aplicada, exploratoria, evaluativa de abordaje cualitativo. Fueron invitados a participar 25 profesores que trabajan en la red de enseñanza con niños con TEA de un municipio del interior de Maranhão, luego, fue explicado sobre los derechos y secreto profesional de cada participante. Encontramos profesionales que presentaron dificultades en responder al cuestionario y que limitaron sus respuestas sobre el tema. Sin embargo, se percibe que algunos tenían poco conocimiento sobre el asunto y que encuentran dificultades para trabajar con niños autistas. Por lo tanto, con este estudio es posible identificar las dificultades que los profesionales encuentran que interfieren en el proceso de aprendizaje del niño con TEA impidiendo que el menor tenga una enseñanza de calidad y desarrolle su autonomía, así como la necesidad de que cada docente tiene que calificarse para atender esta demanda en el aula proporcionando mayor rendimiento a la enseñanza.

PALABRAS CLAVE: Trastorno del Espectro Autista; Educación Inclusiva; maestros.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) tornou-se mais frequente a partir da segunda metade do século XX. Antes o ensino era ministrado em escolas ou classes especiais, para as crianças e jovens que não possuíam condições de avançar no processo educacional. Tornando a educação especial paralelo ao ensino comum (CUNHA, 2015).

Os alunos com NEE, são aqueles que possuem alguma deficiência, ou dificuldades que as impossibilita de executar e exercer determinadas funções, de forma autônoma, necessitando de estímulos e adaptações para seu desenvolvimento no contexto geral da sociedade. A lei de diretrizes e bases da educação nacional – LDBEN nº 9.394/96, enfatiza a valorização da educação inclusiva, e oferta o ensino, preferencialmente, em escola da rede regular, incluindo os alunos com necessidades sempre que possível (BRASIL, 2008). São diversas as NEE, e todas elas merecem atenção, no entanto os esforços realizados nessa pesquisa, serão para estudar questões relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista.

O Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno do neurodesenvolvimento, manifestando desde os primeiros anos de vida, acomete 1 a cada 68 crianças com maior ocorrência no sexo masculino, possuindo características presentes, como no comprometimento social, na comunicação e comportamentos estereotipados (repetitivos e inadequados), como também interesse por atividades restritas (MARQUES; BOSA, 2015).

Atualmente, o TEA é classificado pela CID 10 (Classificação internacional de doenças da Organização mundial da Saúde) como um transtorno global

do desenvolvimento, caracterizado por desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e perturbação, características no funcionamento em cada um dos seguintes domínios: interação social, comunicação e comportamento (CID 10, 2007; SCHWATZMAN, 2011b).

Em 2012 foi sancionada a Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a partir de então a pessoa com TEA passou a ser considerada pessoa com deficiência e, portanto, ter todos os direitos garantidos às pessoas com deficiências, dentre os quais se destaca a educação (CASTANHA, 2016).

Deste modo, a inclusão escolar de estudantes com TEA, ainda se mostra desafiadora, e entre esses desafios destaca-se como alvo de interesse desse trabalho, a formação do professor para atender estudantes com TEA. Nesse sentido, Papim e Sanches (2013), apontam que o professor tem um sentimento de angústia diante da labilidade no comportamento provocado pelas características do TEA, da pouca responsabilidade do estudante às investidas pedagógicas e das exigências por desempenho pelo sistema de ensino.

Para receber os alunos com NEE, devem ser feitas mudanças no contexto escolar, bem como profissionalizações do corpo docente, e contratações de professores habilitados na especificidade dos alunos. Frente à estas modificações, são implementadas salas para atender as necessidades específicas dos alunos. Com isso, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é realizado nas salas de recursos multifuncionais, organizado dentro da escola regular, para atender as necessidades específicas dos alunos. O AEE se caracteriza por uma ação que busca acolher os alunos com NEE dentro da rede regular de ensino, como suporte para obter conhecimento, diversificando os currículos, o atendimento organizado para complementar e suplementar os serviços educacionais comuns (SANTOS, et. al., 2017; ALVES, 2006).

Mediante a isto, a construção desse trabalho foi direcionada pela seguinte problemática: Quais os conhecimentos que os professores de AEE detêm sobre TEA e as que características interferem ou favorecem a aprendizagem? Com base nisso, o objetivo deste trabalho foi analisar o conhecimento que os professores de AEE detêm sobre TEA e as características que interferem ou favorecem a aprendizagem destes alunos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo avaliativo, exploratório, com abordagem mista, qualitativa e quantitativa. Segundo Dyniewicz (2009), a pesquisa exploratória tem a finalidade de esclarecer e proporcionar uma visão geral, acerca de um determinado fato.

Buscou-se saber como determinado fato ou fenômeno se manifesta, o que interfere nele, como as variáveis se inter-relacionam.

Para mais, de acordo com Deslandes; Assis (2002), a articulação entre abordagens e combinações metodológicas tem reconhecida importância para pesquisar o complexo saúde-doença-atenção, indicando as diversas modalidades de diálogos. Nesse contexto, o quantitativo e o qualitativo traduzem, cada um na sua definição, as conexões entre o individual e o coletivo, presentes no cotidiano das práticas de saúde.

Nesse sentido, realizou-se uma avaliação dos conhecimentos de professores de AEE de um Município do interior do Maranhão, quanto ao TEA. Para tanto, utilizou-se como campo de pesquisa as salas de AEE das escolas da rede pública municipal situadas na zona urbana de um Município do Interior do Maranhão que tiverem estudantes com Transtorno do Espectro do Autista matriculadas.

De acordo com dados obtidos através da secretaria de educação as salas de AEE formam um número de 55 na zona urbana. Assim foi realizada uma investigação envolvendo professores atuantes no AEE, no ensino fundamental (1 ao 5 ano) da rede municipal de ensino. As escolas apresentam cada uma, em média, 02 a 4 professores atuantes nas salas de AEE. Com base nesses levantamentos, participaram da pesquisa 25 professores atuantes em salas do AEE. As escolas pesquisadas contabilizam-se em 12 escolas. O fato de ser 12 escolas, ocorre por que algumas instituições possuíam 1, 2, até 3 professores na sala de atendimento. No entanto, alguns professores não quiseram participar, finalizando um total de 25 professores para cada 12 escolas na rede regular de ensino.

Os critérios de inclusão desse trabalho foram: ser professor e atuar em salas de AEE em escola regular de ensino fundamental, ter estudante com TEA em seu atendimento e aceitar de livre e espontânea vontade participar da pesquisa. Foram excluídos os docentes que não estiveram em conformidade com pelo menos um dos itens supracitados.

O benefício do trabalho foi proporcionar aos professores conhecimentos acerca da inclusão de alunos com TEA, e as estratégias necessárias para incluir este aluno em sala de aula, por meio de adaptações curriculares que promovam o acesso ao ensino. Vale ressaltar que este estudo não trouxe riscos previsíveis em relação à integridade física dos participantes, porém os riscos previstos estiveram associados à: resistência dos professores quanto a participação da pesquisa; Não saberem responder sobre o assunto; Medo a exposição.

Para minimização dos possíveis riscos, foram expostos aos professores participantes os objetivos da pesquisa, sigilo e anonimato, confidencialidade dos dados e o direito a se negar a participar da pesquisa, ou desistir em qualquer fase do trabalho.

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, em seguida, direcionada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) CAAE 06189319.0.0000.8007 e teve aprovação sob o parecer: 3.157.888.

RESULTADO

Análise dos dados referente a aplicação das entrevistas aos professores de ensino fundamental

O estudo contou com a colaboração de 25 professores do Atendimento Educacional Especializado - AEE, atuantes no ensino fundamental de um município de interior do maranhão. Para garantir o anonimato e sigilo dos sujeitos da pesquisa, seus nomes terão abreviaturas “PROF” (para representar os professores), a esta identificação foi acrescido ainda uma numeração que corresponde a ordem em que foram estruturadas as entrevistas. Ainda, não será citada o local em que ocorreu a coleta de dados.

| ESCOLAS | QUANTIDADE DE PROFESSORES POR ESCOLAS |
|---------|---------------------------------------|
| A | 2 |
| B | 3 |
| C | 2 |
| D | 2 |
| E | 3 |
| F | 1 |
| G | 1 |
| H | 2 |
| I | 2 |
| J | 2 |
| K | 3 |
| L | 2 |

Quadro 1- Dados referentes a quantidade de escolas e professores participantes da pesquisa

Fonte: Elaboração do autor (2019)

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTE

Inicialmente buscou-se traçar o perfil de todos os professores pesquisados (Quadro 2), que atuam no ensino fundamental, abordando os seguintes elementos: sexo, formação complementar, faixa etária, tempo de conclusão de curso e quantidade de empregos. Assim, os achados dispostos no quadro foram separados em colunas, que demonstram as interlocuções de cada categoria, seguindo sempre a mesma ordem de apresentação: PROF 1 conforme apresentados abaixo:

| PROFESSORES | SEXO | FAIXA ETÁRIA | FORMAÇÃO COMPLEMENTAR | Tempo de conclusão em anos | Quantidade de empregos |
|-------------|------|--------------|-----------------------|----------------------------|------------------------|
| PROF 1- | F | 30-35 | Especialização | 10-12 | 1 |
| PROF 2- | F | 45-50 | Especialização | 16 | 1 |
| PROF 3- | F | 45-50 | Especialização | 4-5 | 1 |
| PROF 4- | F | 35-40 | Especialização | 7-9 | 2 |
| PROF 5- | F | 40-45 | Especialização | 13-15 | 2 |
| PROF 6- | F | 45-50 | Especialização | 4-6 | 2 |
| PROF 7 | F | 45-50 | Especialização | 4-6 | 1 |
| PROF 8- | F | 45-50 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF 9- | F | 35-45 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF 10- | F | 45-50 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF 11- | F | 45-50 | Especialização | 4-6 | 2 |
| PROF 12 | F | 30-35 | Especialização | 5-6 | 1 |
| PROF13 | F | 30-35 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF14 | F | 30-35 | Especialização | 4-6 | 1 |
| PROF15 | F | 30-35 | Especialização | 4-6 | 1 |
| PROF16 | F | 18-25 | Especialização | 1-3 | 2 |
| PROF17 | F | 30-35 | Especialização | 7-9 | 2 |
| PROF18 | F | 40-45 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF19 | F | 30-35 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF20 | F | 40-45 | Especialização | 4-6 | 1 |
| PROF21 | F | 30-35 | Especialização | 1-3 | 1 |
| PROF22 | F | 40-45 | Especialização | 4-6 | 2 |
| PROF23 | F | 30-35 | Especialização | 4-6 | 1 |
| PROF24 | F | 40-45 | Especialização | 7-9 | 2 |
| PROF25 | F | 40-45 | Especialização | 4-6 | 1 |

QUADRO 2 – Distribuição e descrição do perfil profissional dos participantes

Fonte do autor 2019.

Com base nos levantamentos, todos os professores entrevistados são do sexo feminino, possuem ensino superior e são especializados. Dos 25 professores, 3 terminaram sua especialização entre 10 a 15 anos, concluindo que eles estão com bastante tempo de atuação e formação e possuem uma bagagem de conhecimentos e experiências.

Os outros 22 professores concluíram entre 1 a 9 anos, portanto possuem um menor ano de conclusão e, conseqüentemente, devem possuir conhecimentos mais recentes sobre este estudo, porém isso não é determinante. Em se tratando da

quantidade de tempo dos profissionais, todos independente do período de conclusão e atuação, precisam ser conhecedores das transformações existentes na educação e buscarem novas abordagens para atualizar-se.

No estudo realizado por Rocha, Batista, Salamão (2018), percebem que os docentes necessitam de um aprimoramento contínuo a fim de atender as exigências da atividade docente. Por isso a importância da formação continuada, pois mesmo possuindo tempos de atuação e de formação, é sempre bom continuar processo de aprendizagem, ainda mais se tratando de estudantes com necessidades, que precisam de estratégias úteis para seu desenvolvimento. Dessa forma, o professor não deve ficar parado, precisa buscar manter sua formação continuada sempre ativa, agregando novos saberes à sua praxe pedagógica. Assim, terá subsídios para trabalhar com alunos especiais e incluí-los no contexto da educação inclusiva (SOUSA 2015).

Conhecimento de professores do AEE acerca do TEA

Indagados sobre o que é transtorno do Espectro Autista, os professores respondem da seguinte maneira:

É um transtorno do neurodesenvolvimento infantil caracterizado por dificuldades na interação social, comunicação, comportamentos repetitivos e interesse restritos, podendo apresentar também sensibilidade sensoriais (PROF 2).

É o transtorno que afeta a (PROF 3).

É uma criança que apresenta algumas características (PROF 7).

São condições em que a criança se limita como: habilidades sociais, comportamentos repetitivos, comunicação, falar etc. (PROF 11).

Transtorno que afeta a comunicação, comportamentos repetitivos e não possui socialização (PROF 13).

Segundo Brito (2013), o conceito de TEA ainda é novo e pouco compreendido. Nota-se nas falas de alguns dos entrevistados, que eles não detêm muito conhecimento, embora fale de algumas características aleatórias que os autistas possuem. Os professores que trabalham diretamente com alunos autista devem buscar qualificação continuada, até mesmo após a formação, buscar conhecimentos acerca da educação inclusiva. Sem esses conhecimentos, corre-se o risco da falta de compreensão e sensibilização acerca do transtorno, assim como as características que cada um apresenta (BENTES et. al., 2016).

Nesse contexto da falta de conhecimento sobre autismo, o educador tem dificuldade para identificar as particularidades e perceber os traços do autismo nos estudantes. Por isso, é de grande valia, que os profissionais tenham compreensão sobre a terminologia, para assim intervir da forma correta.

Quando se fala em necessidades educacionais, em especial o TEA, é essencial, que saibamos o seu conceito e as características principais que eles possuem. É evidente nas falas dos professores que conceituam de forma muito superficial o que entendem sobre o assunto e com base nas suas falas percebemos que seus conceitos estão muito atrelados aos comprometimentos que eles carregam, como falta de comunicação, falta de socialização e comportamentos repetitivos.

Bentes et al. (2016), afirma que o TEA ainda carrega um estereótipo, o que por sua vez interfere significativamente no processo de inclusão escolar desse aluno. Nota-se nas falas dos participantes que discorrem sobre algumas características que o autista possui, percebe-se ainda, que afirmam como determinantes e únicas características presente no espectro.

Dificuldades que interferem na aprendizagem do aluno TEA

Sabe-se que os comprometimentos que o TEA carrega, traz consigo alguns fatores que podem ser entraves para a aprendizagem e compreensão do meio. No tocante a essas características alguns professores relataram algumas dificuldades que possuem com os alunos com TEA e se isso dificultam na aprendizagem:

Sim, isolamento (PROF 1).

Sim, a interação e comportamento social da criança (PROF 2).

Em alguns momentos sim, dependendo da atividade proposta. Desinteresse em realizar atividades, por que se a atividades não chamar sua atenção (for atrativa) ele(a) se negará a fazer (PROF 4).

Sim, dificuldade da linguagem, pelo fato de profissional não saber lher dá com situações como essa (estamos caminhando) (PROF 5).

Não. Para ajudar os alunos autistas é fundamental que a família e amigos tratem normalmente tentando entendê-los em sua forma de ser e assim tentar ajudá-las propiciando sugestões de atividades psicológica, terapia ocupacional, fonoaudiologia, escola fisioterapia, musicoterapia etc. (PROF 10).

Com base nos relatos acima, percebe-se que os professores possuem dificuldades para atender os alunos com TEA, pois as características dificultam seu manejo com o estudante.

A maioria dos professores disseram que o isolamento, a interação e a linguagem dificultam no processo de aprendizagem dos alunos. Um estudo feito por Sousa (2015), apresentou relação com o presente estudo, quando questionados sobre a inclusão do aluno com TEA, verificou-se a necessidade de mais formação e conhecimento por parte dos professores em relação a alunos autistas. Falta mais preparo dos professores para que sejam capazes de proporcionar ao aluno autista o que lhe é garantido por lei.

Silva (2012), afirma que o professor precisa intervir em relação a socialização do autista, pois para eles a interação social e compartilhar momentos é um grande

desafio. Diante disso, para que aconteça a socialização o professor pode socializá-lo por meio de brincadeiras, jogos e atividades de forma que ele se sinta parte do ambiente escolar.

Ainda nesta abordagem, das características do TEA, Silva (2012), esclarece sobre a dificuldade relatadas pelos professores quanto a comunicação do aluno, segundo ela o professor pode utilizar métodos alternativos para desenvolver a comunicação com crianças que possuem autismo, por meio figuras, imagens, desenhos dentre outros, que ajudaram para se comunicarem de forma efetiva.

Alunos com TEA, possuem algumas características que podem inibir a aprendizagem, entre elas: dificuldades nas funções executivas, pensamento concreto, dificuldades para entender instruções orais prolongadas; responder sob controle restrito de estímulos; dificuldade em entender múltiplas perspectivas; dificuldades com teoria da mente, todas essas características podem se tornar importantes entraves para a aprendizagem do aluno, caso não haja um direcionamento eficaz (PAPIM, SANCHES, 2013).

Essas características estão atreladas no perfil do estudante com TEA, e se esses atributos não tiverem intervenções contínuas e atendidas da forma certa, o progresso desde indivíduo para acontecerá, ele irá permanecer com estes entraves por todo seu desenvolvimento humano.

Especificidade de aprendizagem do aluno com TEA

Quando questionados se os alunos conseguiam aprender igual aos outros alunos em sala de aula, e o que facilitaria esse processo. Os professores emitiram as seguintes respostas:

Sim, quando o professor conseguir fazer atividade que o mesmo tenha interesse ou colocá-lo em uma atividade ativa (PROF 5).

Não, por que sua aprendizagem é lenta e mediante sua limitação, se alcançar os objetivos propostos ao longo prazo (PROF 7)

Não, o autista tem um desenvolvimento comprometido da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesse, as manifestações do transtorno variam imensamente dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo (PROF 10).

Nota-se que a PROF 7 e PROF 10, afirmam que o estudante com TEA não consegue aprender na sala de aula regular, já que suas características são predominantes e marcantes no seu desenvolvimento, dessa forma impossibilita-o de aprender. No entanto, em nenhuma dessas falas elas citam meios que podem facilitar o manejo e a diminuição de comportamentos indesejados na sala de aula. O professor deve sempre ressaltar e acreditar que a criança com o espectro autista consegue aprender, e deve ser motivado diariamente (ROCHA, BATISTA, SALOMÃO,

2018).

É preciso considerar comprometimentos que alunos com TEA possuem, no entanto, é necessário a partir do conhecimento das suas características do transtorno, elaborar estratégias de ensino compatíveis com essas características. Cada ser humano é individual, e em se tratando de aprendizagem também, cada pessoa aprende em sua singularidade e formas diferentes de compreender, cabe ao educador conhecer seu aluno, e entender seu ritmo de aprendizagem para assim focar naquilo que é importante e que trará benefícios positivos para seu progresso em sala. Conhecendo o estilo de aprendizagem do aluno com autismo, é possível garantir que as modificações/adequações sejam suficientes, de modo a aumentar a competência e a motivação e minimizar sua frustração (LEITÃO, 2016).

Outra fala interessante apresentada por um dos professores à foi a seguinte:

Igual não, mas a pessoa com TEA também pode se desenvolver bem se for bem acompanhada, o uso de recursos facilita muito neste processo (PROF 1)
Sim! Fazendo adaptações das atividades (PROF 18).

Destaca-se essa fala, pois percebe-se que mesmo sabendo das necessidades existentes na pessoa com TEA, acredita no seu desenvolvimento e potencial, enxergando que mesmo com suas limitações eles podem evoluir se for bem acompanhado e apresentado recursos necessários para tornar possível o seu processo de ensino aprendizagem. Neste sentido Silva (2014), argumenta que apesar das peculiaridades que o autismo possui em seus níveis de comprometimentos é importante buscar caminhos e criar recursos criativos para que elas possam crescer, aprender e se desenvolver no espaço escolar de forma satisfatória.

É necessário considerar, que a pessoa com TEA, possui dificuldade em compreender informações muito prolongadas, pois tendem a diminuir o processamento verbal muito intenso, sendo assim, o uso de material concreto e visual, torna essa comunicação mais acessível a sua realidade. Corroborando nesse aspecto, Oliveira (2016), sintetiza que o uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado.

Compreende-se que com estratégias utilizadas baseadas nas características do aluno, é possível garantir seu desenvolvimento e aguçar a sua atenção nas atividades. Diante disso, o professor precisa estar em constante estudo, buscar manter sua formação continuada ativa, agregando novos conhecimentos à sua praxis pedagógica. Dessa forma, terá subsídios para trabalhar com os alunos especiais e tornar sua inclusão no contexto escolar possível (SOUSA 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, note-se que quando discutido sobre o Transtorno do Espectro Autista os professores tiveram dificuldade para falar sobre o assunto, visto que mediante as falas, eles detêm pouco conhecimento sobre o TEA, e por esse motivo suas respostas limitaram-se a algumas características que os autistas apresentam, como dificuldades de socialização, comunicação e comportamentos inadequados e repetitivos. Mas, é necessário que os docentes tenham mais embasamentos além dessas características, já que para trabalhar com estudantes com TEA, é necessário conhecê-los em sua totalidade, e não por partes.

Ainda é notório que os profissionais apresentam dificuldades de entender e relacionar-se com a criança TEA, diante das características e limitações que o menor apresenta e que foi citado pelos professores em suas falas, interferindo no processo de aprendizagem da criança.

Assim, os professores, por muitas vezes não possuir formação específica, podem acabar desconhecendo a necessidade educacional do seu aluno, e fazer os estudantes com TEA passarem pelas mesmas estratégias de ensino que são apresentados para estudantes típicos, podendo assim, comprometer sua aprendizagem. Conseqüentemente, os educadores tornam-se responsáveis por implementar intervenções efetivas com seus alunos com TEA, com propósito de promover o envolvimento ativo em diferentes tipos de tarefas acadêmicas e demais atividades (MEDVED, 2016).

Neste interim, este estudo tem o interesse de despertar os leitores e principalmente professores da rede de ensino sobre a importância do assunto e de buscar qualificação na área na tentativa de melhorar e inovar suas práticas pedagógicas buscando conhecimento sobre a temática, e intervindo diante das dificuldades encontradas, para que isso não interfira no processo de aprendizagem da criança com TEA, dando aos alunos autista maior autonomia.

REFERÊNCIA

ALVES, Denise de Oliveira; GOTTI, Marlene de Oliveira; GRIBOSKI, Claudia Maffini; DUTRA, Claudia Pereira. Sala de recursos multifuncionais: **espaços para atendimento educacional**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://www.oneesp.ufscar.br/orientacoes_srm_2006.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

_____. **Decreto nº 6571**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16690-politica-nacional-deeducacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014>>. Acesso em 19 mar. 2019.

BRITO, R. M. T. de. **Quando a inclusão acontece**: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa. 2013. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BENTES, C. C. A.; BARBOSA, D. C.; FONSECA, J. R. M.; BEZERRA, L. C. **A Família no processo de inclusão social da criança e adolescente com autismo**: desafios na sociedade contemporânea. Presidente Prudente-SP, 2016. Disponível em <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Social/article/view/5948>>. Acesso em: 20 maio 2019.

CID-10. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

CASTANHA, J. G. Z. **A trajetória do autismo na educação**: da criação das associações à regulamentação da política de proteção (1983-2014). Cascavel, 2016, 128 f.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Org.). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 195-223.

DYNIEWICZ, A. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 2. ed. São Caetano do Sul-SP: Difusora editora, 2009.

LEITAO, P. B. **Transtorno do espectro do autismo na perspectiva do ensino estruturado**. Pará, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/12865>>. Acesso em: 8 mar 2019.

MARQUES, D. F.; BOSA, C. A. Protocolo de avaliação de crianças com autismo: evidências de validade de critério. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 43-51, 2015.

MEDVED, S. V. **The use of an interdependent group contingency to increase engagement of elementary students with autism spectrum disorder**. California State University, 2016.

PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão**: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em sua prática com crianças com Autismo. (Monografia). Lins. SP: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, 2013.

ROCHA, C. M.; BATISTA, S. B.; SALOMÃO, R. Os desafios do professor no processo de ensino e aprendizagem da criança autista. VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. Ponta Grossa, 2018.

SANTOS, J. O. L. et al. Atendimento Educacional Especializado: reflexões sobre a demanda de alunos matriculados e a oferta de salas de recursos multifuncionais na Rede Municipal de Manaus-AM. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 23, n. 3, p. 409-422, 2017.

SCHWARTZMAN, J. S. Transtornos do Espectro do Autismo: terapias alternativas e controversas. In: _____.; ARAÚJO, C. A. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: MEMNON, 2011b.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, R. **Autismo**: um desafio para o trabalho pedagógico. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/REBECA%20DA%20SILVA%20Autismo%20um%20desafio%20para%20o%20trabalho%20pedagogico.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SOUSA, M. J. S. **Professor e o autismo**: desafios de uma inclusão com qualidade. Monografia. Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015_MariaJosianeSousaDeSousa_tcc.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

